



MOVIMENTOS MESSIÂNICOS: CONTRIBUIÇÕES DA LEITURA ANTROPOLÓGICA PARA LEITURAS LITERÁRIAS

Ana Carolina Bazzo¹

Este texto corresponde a um resumo estendido da palestra “Movimentos Messiânicos: contribuições da leitura antropológica para leituras literárias”, apresentada como palestra de abertura do I Simpósio de Letras do curso de Licenciatura em Letras da UNIMES Virtual. Neste trabalho, percorremos caminhos das leituras socioantropológicas do messianismo e, acompanhando tais caminhos, salientamos as contribuições dessas leituras para análises de obras literárias que abordam de alguma maneira o tema.

Primeiramente, discutimos a forma como o termo é analisado dentro dos estudos antropológicos, históricos e sociológicos, constatando que esses estudos se direcionam para a interpretação de diferentes movimentos socioculturais que contêm traços de manifestações messiânicas. Os estudos socioantropológicos abordam, por exemplo, os movimentos messiânicos no campo (reconhecidos como messianismo rústico), os movimentos messiânicos que também ocorrem dentro de culturas não judaico-cristãs (como o messianismo em comunidades indígenas) e, contemporaneamente, abordam a possibilidade de leitura de interpretações messiânicas em comunidades urbanas (como manifestações de messianismo e de leituras de mundo escatológicas no universo de periferias urbanas).

O argumento central desse olhar sobre as leituras sociológicas a antropológicas do messianismo leva em consideração que as escolhas teóricas referentes à leitura do messianismo partem primeiramente de abordagens mais conceituais e depois seguem para

¹ Mestrado em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil (2009). Professora e Coordenadora da Universidade Metropolitana de Santos, Brasil

abordagens culturalmente mais abrangentes que se voltam para as especificidades de cada movimento, o que nos permite ampliar nossa própria leitura sobre as manifestações do messianismo.

Dentro dos estudos socioantropológicos, os movimentos messiânicos vêm sendo interpretados de diferentes maneiras. Primeiramente, o messianismo foi lido por teorias sociológicas generalizantes como um termo a ser interpretado por conceitos também generalizantes. Nessas abordagens, autores como Maria Isaura Pereira de Queiroz no livro *Messianismo no Brasil e no Mundo* (1965) buscaram delimitar características comuns aos movimentos, vistos essencialmente como momentos de anomia social, ou seja, de resposta crítica à ordem social vigente.

Posteriormente, com as contribuições antropológicas de autores como Victor Turner (*O Processo Ritual: Estrutura e Antiestrutura*, 1974) e Marshall Sahlins (*Ilhas de História*, 2003), o termo foi problematizado e o olhar sobre o tema voltou-se para as particularidades de cada manifestação e interpretação messiânica de mundo. Essa influência se expressa na leitura de Duglas Teixeira Monteiro sobre a revolta do Contestado no livro *Os Errantes do Novo Século: um Estudo sobre o Surto Milenarista do Contestado* (1974), em que o autor, ao invés de optar pelos conceitos genéricos e abrangentes pré-definidos teoricamente, parte das concepções do próprio movimento para compreender a atuação dessa revolta dentro do momento histórico em que se coloca, bastante influenciado pela antropologia.

Pensando nessas contribuições principais, refletimos sobre como a antropologia abre espaço para o entendimento do messianismo como uma manifestação humana que representa interpretações de mundo, portanto, abre espaço para pensarmos a ficção e a literatura como partes dessa manifestação simbólica também.

Para Marshall Sahlins, é o significado dado pelos personagens ao evento que explica as categorias e as histórias particulares e não as categorias lidas pelos teóricos que explicam rituais ou movimentos sociais. Para Victor Turner, movimentos contestadores e rituais que invertem a ordem social são expressões de leitura crítica dessa própria ordem social.



Pensando nessas duas propostas, podemos ver os movimentos messiânicos, milenaristas, escatológicos como manifestações em que os atores sociais subvertem a ordem social vigente e a problematizam a partir das categorias singulares com que interpretam sua atuação no mundo e na sociedade, ou seja, são capazes de refletir a realidade social e, inclusive, subvertê-la. Desta maneira, a interpretação messiânica é vista não como uma forma de consciência fragmentada, como foi tratada por muitos dos autores marxistas e, por outro lado, a sociedade é vista a partir da cultura e não como um organismo que tende naturalmente para a harmonia e a ordem; conseqüentemente, tais leituras de mundo não podem ser tratadas meramente como momento de anomia social.

Nessa contribuição, levamos em consideração, primordialmente, a história que os participantes pretendem construir a partir de suas intervenções e leituras do mundo social. Ao leitor desse universo, cabe a compreensão das histórias e visões de mundo particulares de cada movimento e como diferentes personagens nele se inserem. O livro visto sob esse ângulo é, parafraseando Clifford Geertz, formado por camadas de significados em que devemos considerar a criatividade do personagem, a criatividade do autor e o olhar denso do leitor: não somente o movimento messiânico imprime sua leitura da história e da sociedade na história, mas também a obra imprime sua leitura particular no tempo e cabe ao leitor filtrar essas influências, como o antropólogo descreve camadas de significados sobrepostas.

Concluimos, portanto, que não somente a antropologia abre espaço para pensarmos em diferentes messianismos, como também para pensarmos nos meandros das relações entre obra e leitor. Essas são as principais contribuições da leitura antropológica proposta nessa palestra para uma leitura literária do messianismo.



REFERÊNCIAS

COHN, Norman. **Na senda do milênio**. Porto, Presença, 1970.

DAWSEY, John C.. Piscadelas de caveiras: a escatologia do Jardim das Flores. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 19, n. 2, Nov. 2007.

DELUMEAU, Jean. **Mil anos de felicidade**. São Paulo, Cia das Letras, 1997.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1989.

MELATTI, J. Cezar. **O Messianismo Krahó**. São Paulo, Herder-EDUSP, 1972.

NEGRAO, Lísias Nogueira. Revisitando o messianismo no Brasil e profetizando seu futuro. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 16, n. 46, June 2001.

OLIVEIRA RIZZO, Adalberto Luis. **Messianismo, Desenvolvimento e Poder Tutelar entre os Ramkokamekra – Kanela**. VII RAM - UFRGS, Porto Alegre, Brasil, 2006.

POMPA, Cristina. A construção do fim do mundo. Para uma releitura dos movimentos sócio-religiosos do Brasil "rústico". **Rev. Antropol.**, São Paulo, v. 41, n. 1, 1998.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **Messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo, Dominus, 1965.

SAHLINS, Marshall. **Ihas de História**. Rio de Janeiro, Jorge Jahar Editores, 2009.

SAHLINS, Marshall. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte II). **Mana**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, Oct. 1997.

TEIXEIRA MONTEIRO, Duglas. **Os errantes do novo século**, São Paulo, Duas Cidades, 1974.

TURNER, Victor. **O processo Ritual: Estrutura e Antiestrutura**. Petrópolis, Vozes, 1974.



Ana Carolina Bazzo

Mestrado em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil (2009).

Professora e Coordenadora da Universidade Metropolitana de Santos, Brasil

Artigo Recebido em 15/12/2010

Aceito para publicação em 20/12/2010

Para citar este trabalho:

BAZZO, Ana Carolina. **Movimentos Messiânicos:** Contribuições da Leitura Antropológica para Leituras Literárias. Revista paidéi@, UNIMES VIRTUAL, Volume 2, Número 4, dez. 2010. Disponível em: <<http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br>>. Acesso em: __/__/____.